

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Desafios da ecologia às religiões [Challenges of Ecology to Religions]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

| | |
|---------------|---|
| Item Type | Article |
| Authors | Vigil, José Maria |
| Publisher | Instituto Humanitas Unisinos - IHU |
| Rights | With permission of the license/copyright holder |
| Download date | 2026-06-27 15:45:39 |
| Link to Item | http://hdl.handle.net/20.500.12424/160383 |

Teologia Pública

Desafios da ecologia às religiões

POR JOSÉ MARIA VIGIL

“**A**s religiões, a curiosidade, a intuição, a arte, a poesia... se encarregaram de suprir com imaginação e criatividade nossa ignorância coletiva, nossos medos e nossos desejos de saber”. A afirmação é do teólogo José Maria Vigil, em artigo que segue. Para ele, “a ciência que mais está mudando a consciência da humanidade na atualidade é a ‘nova cosmologia’, isto é, as ciências do cosmos e da natureza, todas elas conjuntamente”. A tradução é de Benno Dischinger.

Vigil é licenciado em Teologia pela Universidad Pontificia de Salamanca. Na Universidade de Santo Tomás de Roma, obteve a licenciatura em Teologia Sistemática. Foi ordenado sacerdote em 1971. Durante treze anos, trabalhou na Nicarágua e, atualmente, mora e trabalha no Panamá. É autor do livro *Teologia do Pluralismo Religioso. Para uma releitura pluralista do cristianismo* (São Paulo: Paulus, 2006) e também de *La opción por los pobres* (Santander: Sal Terrae, 1991), dentre outros.

Faz parte da Comissão Teológica da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo - ASETT e é o idealizador e realizador dos “Servicios Koinonía”, um sítio que serve de ponto de encontro com a teologia e a espiritualidade da libertação latino-americanas (www.servicioskoinonia.org). Confira o artigo.

A ciência que mais está mudando a consciência da humanidade na atualidade é a “nova cosmologia”, isto é, as ciências do cosmos e da natureza, todas elas conjuntamente. Pela primeira vez, e simultaneamente para toda a humanidade, teremos uma visão científica do Universo: sua origem, suas dimensões, sua evolução, as galáxias, as estrelas, os planetas, a vida... E acaba sendo esta uma visão maravilhosa, realmente fascinante, muito diferente da que tínhamos, da que temos tido durante milênios, até apenas algumas décadas.

Durante toda a história de nossa espécie não temos tido meios para conhecer o cosmo. Há apenas quatro séculos que Galileu inventou o primeiro e rudimentar telescópio. As religiões, a curiosidade, a intuição, a arte, a poesia... se encarregaram de suprir com imaginação e criatividade nossa ignorância coletiva, nossos medos e nossos desejos de saber. Os “mitos” - tão geniais -, que nossos ancestrais elaboraram coletivamente e que tradicionalmente atribuíram a revela-

ções divinas, cumpriram um papel social essencial para nossa organização civilizacional, porque estabeleceram e veicularam as crenças fundamentais para a autocompreensão de nós mesmos, como também para nossa programação social.

A nova cosmologia, o desdobramento tão fabuloso que a ciência tem registrado nos últimos tempos, fez saltar em pedaços aquele “clássico imaginário religioso”, que esteve em vigor ante a consciência da humanidade durante milênios. Os mitos, que durante tanto tempo a humanidade acreditou serem descrição da realidade (revelada pelos deuses), chocam flagrantemente com o panorama que a ciência desdobra ante nossos olhos. As religiões, a poesia e a arte imaginaram um mundo pequeno, plano, quieto, fixo, criado diretamente, assim como o vemos, e regido por um Deus ali de cima, ali fora, que seria um tipo de razão última de tudo... Neste mundo da nova ciência nós já não podemos ser pessoas de hoje e seguir participando daquele imaginá-

rio. E esta é a principal razão da tensa relação da nova cosmologia e da ciência em geral com as religiões.

O “novo relato” da realidade que nos apresenta a ciência - e que hoje, como dizemos, é, pela primeira vez, um relato científico, sendo o mesmo, simultaneamente, válido para toda a humanidade, para todos os povos do planeta - nos oferece uma visão realmente nova do mundo. Mudou a imagem do mundo e do cosmo, que agora nos oferece os seguintes traços chamativos novos:

- um universo em movimento total e contínuo: nada está quieto, ao contrário do que sempre havíamos pensado;

- em expansão: tudo começou com uma grande explosão, e tudo continua expandindo-se, irrefreavelmente e inclusive aceleradamente; estamos numa constante explosão;

- em evolução e em desdobramento: não é um “cosmo” já feito, regido por leis eternas fixas e imutáveis, nem uma explosão cega... senão uma

autêntica cosmogênese, que se desdobra a partir de dentro:

- com aparição de propriedades emergentes, novas, e de auto-organização, desde a desordem do caos: um todo que é maior do que as partes que o compõem e um todo que está em cada parte...

- orientado para a vida, a complexidade, e para a consciência que floresce finalmente no ser humano, no qual se faz consciência coletiva, assumindo ademais reflexivamente o cosmo e responsabilizando-se por ele;

- ligado holisticamente numa inextricável “rede de redes”... nas quais cada partícula está relacionada com todas...

Esta nova visão do cosmo nos situa num mundo muito distinto daquele que nos ensinaram as religiões. Pois bem, se abandonamos a imagem que nos deram do mundo e adotamos uma nova imagem, na realidade passamos a viver conscientemente em outro mundo: mudamos de mundo e, com isso, de algum modo passamos a ser outros, a ser cidadãos de outro mundo, partes de outra realidade. A nova visão do mundo que as ciências nos deram desafia todos os componentes de nossa visão. Vejamos:

Muda a imagem da natureza que, a partir de agora:

- já não podemos imaginá-la como mero “cenário da história humana”, história esta que seria o único evento importante que sucede no planeta e no cosmo. Já não podemos pensar que somos a razão de ser do cosmo, nem que o drama histórico humano é o que supostamente motivou Deus a criar o mundo como o cenário no qual realizá-lo, nem que o humano seja “a medida de todas as coisas”, humanas e divinas. Nosso natural e espontâneo e quase inevitável “antropocentrismo” há de ser superado;

- na cosmovisão atual, já não é possível aceitar a existência de um “segundo piso” superior, ou sobrenatural, no qual morariam os deuses e as forças que governam o mundo, nem um piso “inferior” no qual estariam confinados os espíritos do mal.

“Esta nova visão do cosmo nos situa num mundo muito distinto daquele que nos ensinaram as religiões.

Pois bem, se abandonamos a imagem que nos deram do mundo e adotamos uma nova imagem, na realidade passamos a viver conscientemente em outro mundo”

O que nossos ancestrais quiseram expressar com aqueles símbolos não pode estar localizado senão “neste mesmo e único piso” da realidade. Não há “metafísica” (ou pelo menos não é necessário nem obrigatório crer nela, embora tenha podido ou possa continuar sendo útil imaginá-la...);

- já não resulta aceitável uma qualificação religiosa negativa (“pecaminosa”, a evitar) da matéria e de tudo o que com ela se relaciona (carne, instinto, sexo, prazer, mundo, mundanidade...);

- já não podemos aceitar aquele pressuposto mitológico de um “pecado original” primigênio que teria contaminado ancestralmente toda a humanidade e também toda a realidade... Na origem do todo não pode haver um pecado original, senão uma graça original, uma “bênção original”, inclusive...;

- esta vida não pode ser somente uma ilusão passageira, uma “prova” em função de outra vida, a verdadeira e definitiva, a que está além da morte, à qual um Criador nos havia destinado com a condição de passar primeiro por uma prova. O esquema deste “grande relato explicativo sal-

vífico” resulta ser-nos admirável por sua genialidade, porém, ao mesmo tempo, inacreditável e insustentável em si mesmo. As religiões de “salvação eterna” necessitam com urgência dar novamente razão de si mesmas no contexto da visão atual.

Muda a imagem do ser humano:

- não viemos de cima, nem de fora... senão de baixo, e de dentro, da Terra, do cosmo; somos o resultado final atual, a flor da evolução cósmica;

- não é verdade que sejamos superiores, diferentes e de algum modo alheios ao resto da Natureza, os únicos com uma mente e um espírito procedentes diretamente de Deus;

- não somos os “donos da criação”, nem “foi criada para nós”. Somos uma espécie a mais, embora, certamente, a única capaz de assumir responsabilidade consciente e solidária sobre todo o restante das espécies;

- não podemos viver separados da Natureza, como “sobrenaturais”, injustificadamente autoexilados de nossa placenta, abdicando insensatamente de nossas raízes naturais, autodespojados de nossa natureza terrestre, artificialmente desnaturalizados, ou tratando de superar nossa naturalidade para converter-nos em seres “espirituais” que “superam” a matéria, a corporalidade;

- somos seres naturais, muito naturais. Somos Natureza, Terra que sente, que pensa e ama, matéria-energia organizada que em nós chega à consciência, à reflexão e a profundidade existencial.

Muda a imagem de Deus

- uma visão tão precária da natureza e do cosmo, como a que teve a humanidade durante os milênios passados, não podia dar de si mesma senão uma imagem insuficiente de Deus;

- a visão atual da realidade já não nos permite imaginar um Deus lá fora, ali em cima, nesse “segundo piso superior” do qual dependeria o nosso. Hoje vemos que não tem sentido falar de, nem pensar em um “fora” ou um

“em cima” do mundo, nem do cosmo;

- “a ideia de um Deus separado da criação, ou transcendente, é um de nossos principais problemas” (Thomas Berry);

- não tem sentido um deus antropomorfo: “pessoa” que pensa, decide, ama e se enfada e se expressa como nós... como um deus-theos, como os gregos o conceberam;

- pensar que Ele é “Senhor”, Dono, Juiz premiador e punidor... é hoje, claramente, um antropomorfismo da época neolítico-agrária;

- existir “a Divindade” (como dimensão real) só se poderá encontrar na única realidade cósmica.

Voltemos ao cosmo e à natureza

Disse Santo Tomás que “um erro acerca da Natureza redundava num erro acerca de Deus”... Os erros que temos sofrido sobre a natureza e, sobretudo, a ignorância a seu respeito tem sido máximos, e por isso é de supor que a imagem de Deus e do religioso, surgida daquele marco e que nós herdamos, traz em si grandes deficiências que hoje teríamos capacidade de remediar.

Parece claro que as religiões têm vivido de costas para a Natureza, devido, entre outras coisas, a que tenham concentrado toda sua atenção numa pequena “história sagrada”, iniciada faz somente 300 anos, e essa tem sido a única “revelação” que tiveram em conta...

A explosão científica dos últimos tempos é, sem dúvida, uma nova “experiência de revelação”, na qual o divino da realidade se nos manifesta numa forma nova e intensiva. Não há nada na atualidade que esteja inspirando tanto uma tomada de consciência espiritual no mundo como no “novo relato” de nossa história cósmica. As religiões necessitam sentir o kairós ecológico desta hora e voltar-se para o cosmo e a natureza, para neles reconhecer nossa “história sagrada”, superando o atual divórcio entre ciência e espiritualidade, entre religião e ciência, entre vida espiritual e realidade. Aceitar o desafio da ecologia não é somente incluir o “cui-

“Os anos 1960 do século passado foram um momento de esperança e otimismo no cristianismo em geral, quando ele parecia abrir-se à possibilidade de uma profunda renovação interna e a uma reconciliação com o mundo e com os valores da modernidade (razão, ciência, mundo, democracia, valor da pessoa, liberdade religiosa e demais liberdades, perspectiva dos pobres, etc.)”

dado da natureza” entre os imperativos morais; é mais: implica toda uma “reconversão ecológica” da religião.

Desafios

Não é, pois, somente a imagem física do mundo que mudou, senão todo ele: sua origem, suas dimensões, sua arquitetura, sua complexidade, seu sentido, sua sacralidade... Ante dessa mudança tão total e radical, as religiões que elaboraram todo seu patrimônio simbólico (categorias, teologias, liturgia, dogmas, ritos, mitos...) no contexto daquele velho imaginário já obsoleto, aparecem agora profundamente antiquadas, pertencentes a um mundo caduco, distante, que já não existe e nem sequer nos resulta

compreensível. A linguagem religiosa tradicional perde sentido e significado, e até se faz ininteligível para os jovens. As religiões, que serviram a humanidade durante milênios para expressar a dimensão mais profunda da existência, parecem que já não estão à altura necessária para seguir prestando este serviço.

Nesta situação, as religiões se sentem a si mesmas desafiadas e incompreendidas, sem captar com clareza qual é a causa. Com frequência reagem defendendo-se, repetindo e reafirmando intemperadamente sua tradição sagrada, suas “verdades reveladas”, as “verdades eternas”, quando o que deveriam fazer seria reinterpretá-las e adequá-las à linguagem e aos novos paradigmas que acessamos, abandonando aqueles erros de perspectiva que todos sofremos pela ignorância à qual nos vimos historicamente submetidos, e abrindo-nos, então, à revelação permanente...

Os anos 1960 do século passado foram um momento de esperança e otimismo no cristianismo em geral, quando ele parecia abrir-se à possibilidade de uma profunda renovação interna e a uma reconciliação com o mundo e com os valores da modernidade (razão, ciência, mundo, democracia, valor da pessoa, liberdade religiosa e demais liberdades, perspectiva dos pobres, etc.).

Mas, essa primavera logo se viu truncada ante o temor que produzia a comoção que tal renovação supunha. O medo venceu e os freios e retrocessos que desde então se produziram não fizeram senão distanciar mais e mais a sociedade do cristianismo institucional. São dezenas de milhões as pessoas que abandonaram a religião nas últimas décadas na Europa, alegando, por exemplo, não poder aceitar uma cosmovisão que lhes resulta superada, buscando sua realização espiritual por novos caminhos. Somente uma profunda reflexão - no campo da ecologia e no dos outros vários “novos paradigmas” -, aliada a uma consequente e valente renovação teológica, reabrirá a esperança.